

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,0000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Du Gueselin

Artigo politico

O facto primordial a registar n'esta secção é a inauguração do Centro Regenerador liberal em Lisboa, centro a que preside, como é sabido, o snr. João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, bem conhecido entre nós pelo simples nome de Conselheiro João Franco.

Assistiram, dizem os jornaes da capital, mais de 800 pessoas, e entre ellas bastantes politicos, pares do reino, deputados, lentes, officiaes militares, tanto de exercito como da marinha, etc., etc. Não se póde dizer, pois, que o novo partido seja uma *patrulha*, como se dizia do partido do snr. José Dias Ferreira, ou do fallecido duque d'Avila.

O programma do novo ramo do partido regenerador é vasto e não pode ser aqui publicado, porque occupa mais de seis columnas em corpo 6, do jornal lisbonense *O Seculo*. Quem, porém o quizer conhecer na integra não tem mais do que ler o numero 7:680, correspondente ao dia 17 de maio do corrente anno.

Basta, porém, que digamos, que, depois d'uma longa introdução, trata dos seguintes capitulos: *Monarchia, liberalismo, responsabilidade ministerial, lei eleitoral, poder judicial, descentralisação administrativa, instrucção, colonias, situação internacional, e questão de fazenda.*

Sairá d'aqui a *el dorado* do paiz?

O futuro o dirá.

A. P. A.

LITTERATURA

Ladainhas e rogações

Como por preceito moral e divino todos estamos obrigados a fazer oração por qualquer forma; e já tambem os christãos que tiveram a sorte de ouvir a divina doutrina da bocca do proprio Salvador, ou dos Apostolos foram todos observantes dos divinos preceitos e conselhos, accostumando-se desde os primeiros dias da nossa santa Religião a reunir-se para fazerem oração mental ou vocal, movendo-os tambem a esta piedosa pratica a recordação da promessa de Jesus Christo que havia assegurado «que quando dois ou mais se reunissem em seu nome, estaria no meio d'elles» isto é que seguramente ouviria as suas petições.

Assim é que, segundo nos asseguram os escriptores dos dois primeiros seculos da Igreja, os fieis consideraram a oração dominical como formula hieratica, e em todas as suas reuniões a recitaram textualmente como havia sahido da boca do divino Mestre. Affirmam egualmente os mesmos escriptores que dentro em pouco havia varias formulas de oração conforme o gosto ou necessidade de cada um. De sorte que os Psalmos de David, os canticos dos Prophetas, a profissão de fé ou o symbolo composto pelos apostolos, a consagração a Jesus Christo, a recitação historica da instituição da Eucharistia e outras formulas, foram usadas pelos fieis desde os tempos apostolicos apezar de ser a Igreja favorecida com os maravilhosos dons do Espirito Santo. Consta tambem que n'estas reuniões, um diacano fazia supplicas pelas diversas classes da Igreja, e a cada uma d'ellas, respondia o povo:

Kyrie eleison,

Diz-nos Santo Athanasio na sua *Apologia* que elle proprio pronunciava orações publicas, na sua Igreja, ás quaes o povo respondia em unisono. E quando dizia: *Oremus pro salute piissimi augusti Constantii*, o povo respondia immediatamente: *Christe, auxiliate Constantio*. O Padre Santo Agostinho menciona tambem as deprecações que costumava fazer o bispo e em que o povo só tomava parte pa-

ra responder ao final de cada uma. Outras vezes o diacano nada mais fazia do que annunciar ao povo o objecto da oração, e os fieis costumavam pronunciar estas invocações: *Audi nos, Domine.—Juva nos, Domine.—Miserere nobis, Domine.*

D'esta formula d'oração, a que fazem referencia os citados padres, tiveram origem em nossa humilde opinião, as que hoje chamamos, em linguagem lithurgica, *Ladainhas*, sendo de advertir que desde a mais remota antiguidade, era costume invocar o Senhor, dador de todo o bem, e fonte de toda a graça, invocando-se tambem os Santos como advogados e intercessores, segundo nos affirma S. João Chrysostomo, em uma das suas *Humilis*, dizendo: «Entoamos *ladainhas*, a que affluiu, como uma torrente, toda a nossa cidade. Rogamos a S. Pedro e ao nosso bemaventurado Santo André, nossos advogados, e tambem a Paulo e a Thimotheo.»

Tanto esta como as demais praticas religiosas, á medida que se iam estendendo pelas Igrejas, iam-se egualmente methodisando mais e melhor. E não podemos duvidar que as Ladainhas foram depressa aperfeiçoadas com a invocação de muitos Santos e Santas e com as diversas petições n'ellas expressadas, segundo se póde ver nas notas que o Padre Menard poz no *Sacramentario de S. Gregorio*. A esta prompta perfeição favoreceram sobremaneira as formulas curtas de oração que compõem as Ladainhas, pois que se prestam admiravelmente para que tanto o clero como o povo possam orar com mais commodidade, sem interromper a marcha da procissão.

Devemos advertir, que no uso commum dos mais antigos escriptores ecclesiasticos, a palavra grega *letania*, se tomava no mesmo sentido que se dava ás latinas *supplicatio, rogatio*, e assim, lemos na *Vida de Constantino*, escripta por Eusebio, que, quando este imperador tinha que dar alguma batalha, procurava conseguir a protecção e amparo do céo, por meio de orações e supplicas, a que o mesmo auctor chama *Ladainhas*. Apezar d'isso mui depressa se lhe deu uma significação mais restricta, empregando-a sómente para designar as orações breves que se rezam ou cantam alternativamente em dois côros. Regularisadas estas Ladainhas, deu-se lhes grande importancia em muitas igrejas, fazendo-as com toda a solemnidade e até foram acompanhadas de jejuns, abstinencias e procissões, em que, com grande fervor e devoção dos fieis, se dava graças a Deus, por algum beneficio recebido, ou se pedia á bondade divina, livrasse o povo d'alguma calamidade ou lhe concedesse algum especial favor. Desde então se conheceram estas procissões com o nome de *Rogações*, e ás proprias ladainhas assim tambem se chamou.

Mui geral tem sido a crença de que estas orações foram obra do bispo de Vienna, no Delphinado⁽¹⁾, S. Mamert, cerca do anno 470. Mas esta crença nada tem de verdadeira, porque muito antes se praticavam em outras muitas igrejas. Assim nol-o affirma S. Basilio em uma das suas cartas, sabendo-se que este doutor da Igreja falleceu no dia 1 de janeiro de 379; e Santo Agostinho, no sermão 173, diz nos textualmente: «Certamente ama as feridas dos seus peccados, o que n'estes trez dias (os das Rogações), não pede á oração, ao jejum, e á penitencia os remedios espirituaes, de que necessita, para as curar.»⁽²⁾

Alem d'isso S. Sidonio Apollinario, contemporaneo de S. Mamert, e com quem se correspondia, affirma que as solemnes ladainhas estavam já em uso «posto que — accrescenta —, a sua pratica era vaga, fria, rara e irregular.»

(1) Esta Vienna não era a capital da Austria, mas sim uma cidade de França, sobre o rio Rhodano. O Delphinado era uma antiga provincia de França annexada á corôa por Philippe VI em 1349.

(N. do trad.)

(2) Falleceu S. Agostinho em 430 (Id.)

Todavia é certo que foi S. Mamert quem converteu as *Ladainhas* n'uma instituição regular e periodica, dando-lhes maior solemnidade e importancia, e fixando, para sua celebração os trez dias que precedem a Solemnidade da Ascensão de Nosso Senhor.

Instituidas as *Ladainhas* ou *Rogações* com tanta solemnidade, em que, como diz o citado S. Sidonio, «se jejuava, se orava, se psalmodiava e se chorava», estendeu-se a sua pratica, pelas Gallias e outros muitos reinos, e por todas as egrejas da peninsula hispanica, com particularidade de que na Hespanha, se fixou n'esse tempo, para a celebração das *Rogações* a primeira semana depois do Espirito Santo, pela razão que abaixo expendemos. Como nos dias das *Rogações* se jejuava, e se considerava tempo de lucto e de penitencia, não quiz a Igreja hespanhola contrapôr-se ao geral costume do Catholicismo, deixando de jejuar nos cincoenta dias que se seguem á Paschoa da Resurreição. Estas são as *Rogações* que na lithurgia christã são conhecidas pelo nome de *Ladainhas menores*, ainda que em França lhes davam o nome de *Grandes Ladainhas*, ou *Ladainhas maiores*, devido á grande solemnidade com que eram celebradas, em acção de graças, por haver Nosso Senhor libertado os franceses dos terremotos, incendios e outras calamidades que, durante algum tempo soffreram não só na provincia do Delphinado como em uma parte de Saboya.

Alem d'estas *Ladainhas* ou *Rogações*, tambem se celebravam outras no rito catholico, que eram chamadas de S. Marcos, por serem celebradas a 25 d'abril, e a que deu origem o seguinte facto: Com tal furia trasbordou o rio Tibre em Novembro de 589, que todos temeram destruisse Roma. Ao retirarem-se as aguas, ficou tão infestada a atmosphaera da cidade, que causou innumeraveis victimas no povo romano, sem perdoar ao proprio Pontifício Pelagio II. O seu immediato successor, S. Gregorio Magno, recordando-se do muito que podem as lagrimas e a oração para aplacar a colera divina, exhortou o seu attribulado povo á penitencia, e este correspondeu admiravelmente ao convite do seu amado Pae e Pastor. Por disposição do Summo Pontifício, celebraram-se solemnnes *ladainhas*; mas para que fossem feitas com perfeita ordem, e mais recolhimento, dividiu o clero, os religiosos e o povo em sete secções — d'aqui tomaram o nome de *Ladainhas septiformes* —, sahindo cada secção d'uma igreja d'antemão designada, e vindo reunir-se todos em Santa Maria Maior. Assim foi, que em todas as ruas e praças, durante trez dias, somente se ouvia o canto das *Ladainhas*, com que o povo pedia piedade ao céo, tomando por intercessores todos os Santos da corte celestial. E com tanto fervor foi invocada a misericordia do Senhor, que, ao terceiro dia, desapareceu por completo a peste.

Tal foi a origem d'estas *Rogações*, que, se durante alguns annos se celebraram por espaço de trez dias, foram depois reduzidas a um só. Em Roma eram conhecidas, a principio pelo nome de *Ladainhas da Cruz Negra*, porque n'aquelles trez dias, se cobriam com veu negro, as cruces e os altares, vestindo se os assistentes de negro, em signal de penitencia.

A historia da piedosa instituição das *Rogações* é mais uma prova de solicitude maternal com que a Igreja, não contente por desvelar-se em prover ás necessidades espirituaes de seus filhas, procura tambem remediar o mais possivel os seus males temporaes, mediante a oração, o jejum e a penitencia, que são o grande recurso que temos, para mover á piedade o amante coração de Nosso Senhor.

Era por isso que nos tempos de grande fé se desperitava entre os fieis uma salutar emulação que os movia a celebrar as *Rogações* com jejuns, considerando esses dias como festivos, e assistindo ás procissões com fervor e re-

colhimento. Não é pois de estranhar que Deus se movesse á compaixão, e suspendesse os castigos que ameaçavam os povos.

Mas que vemos hoje? Hoje apenas celebra as *Rogações* o clero, as comunidades religiosas, e algumas poucas pessoas que ainda conservam o espirito e o fervor dos nossos antepassados. Queira Deus que os christãos, conhecendo toda a força e virtude da oração, concorram a celebrar as *Rogações*, com o espirito de penitencia e de devoção que a Igreja ensina, e assim se tornem dignos de que o céo derrame as suas graças nas almas, e tambem as favoreça com dons temporaes.

Fr. Manuel P. Castelhanos.

O valor d'uma prece

I

Cahia uma formosa tarde de verão.

O dia que se conservara até meio, d'uma amena transparencia, havia aquecido extraordinariamente para a tarde; e ao pôr do sol eram visiveis do lado do leste grossas nuvens azuladas que indicavam longinqua tempestade.

O sol, porém, desapareceu claro no horisonte, não havendo na occasião que o seu disco de fogo pareceu mergulhar-se nas aguas do oceano, a mais tenne nuvem que lhe interceptasse o esplendor.

As mulheres de pequena povoação á beira mar, começavam a approximar-se da costa, e sentando-se, umas com os filhinhos ao collo, outras, aninhando-se junto das companheiras, esperavam p los barcos que andavam á pesca, e d'onde haviam de regressar os maridos, os paes e os irmãos.

Ao longe, muito ao longe, começavam a faiscar os relampagos, ouvindo-se de quando em quando o ribombar do trovão.

—Teremos trovoadas para esta noite?—perguntava uma das mulheres, aconchegando-se ás companheiras.

—Talvez não—respondeu uma d'ellas. Anda muito longe.

—E não ha vento que a traga para aqui,—respondeu outra.

—Deus o permitta—retorquiu a primeira.—No batel *Senhora da Lapa* trago o meu homem e tres filhos, e creio em Deus que hão de vir a salvamento.

—Deus o permitta—disseram em côro as companheiras.

Mas a trovoadas approximava-se.

Já eram mais vivos e ameudados os relampagos, mais forte e menos distanciado o ribombo do trovão.

—*Senhora da Lapa* nos accuda!—disse uma d'ellas, já visivelmente assustada.

A noite foi subindo, e como não havia luar, em breve foi intensa a escuridão.

II

A' luz, porém, dos relampagos, que deslumbrantes, afugentavam por instantes as densas trevas da noite, começavam a avistar se algumas velas no horisonte que vinham demandando a praia.

Eram nove horas, quando a primeira lancha atracou á terra. Acercaram-se d'ella todas as mulheres.

—Muito peixe, Maria!—disse o arraes abraçando a mulher.

—O que eu mais desejei foi que escapasses á trovoadas.

—E ella que parece ser temerosa, porque a vaga va augmentando, e nós temos temporal.

—Jesus! Senhor! E o meu Pedro! E o meu José! E o meu Antonio! exclamavam todas as mulheres ao mesmo tempo.

Chegou outra lancha, que, momentos depois era seguida d'outra e outras.

De repente fusilou um relampago vivissimo, uma faisca em zig-zags foi cahir no mar, e um trovão violento f-z estremecer toda aquella gente. Um furacão de vento, erguendo-se de repente, fez levantar no ar a areia da praia, e a chuva que a principio era pouca e de grossas gottas, começou a cahir em abundancia, parecendo por fim que era um diluvio d'agua que pretendia arrazar a terra.

Toda a gente debandando da praia, procurou recolher-se em qualquer habitação.

Só duas mulheres, insensíveis á torrente da agua, á furia do vendaval e ao esgarceo dos trovões, que constantemente se faziam ouvir, ficavam na praia como que esquecidas de tudo e de todos. E' que ainda faltava um barco, tripulado por dois homens, que eram os maridos das duas pobres solitarias.

O mar, que até ao anoitecer era liso, como a agua d'um lago, mettia agora medo, tamanho era o cachão das vagas, tam violento o seu embate, quando erguendo-se em espumosa raiva, illuminado á luz dos relampagos e das faiscas, vinha quebrar-se contra a penedia e os cachopos que contorneavam a beira mar.

—Senhor!—bradavam as affictas ajoelhando—valem-nos n'esta afflictão!

«Pela vossa sagrada morte e paixão, tende piedade de nós! Valei áquelles infelizes que andam nas aguas do mar, procurando o sustento para si, para suas mulheres, e para seus innocentes filhos!»

De repente á luz d'um relampago, avistou-se um barco á vela, procurando dirigir-se para a terra.

Era evidentemente o barco que as duas mulheres esperavam, porque era o unico que faltava, de todos os que, de manhã, tinham seguido para o mar.

E á luz dos relampagos foi visto por algum tempo, feo ludibrio das vagas, ora erguendo-se, ora submergindo-se, tanto parecendo que subia no cume d'uma serra d'agua, como parecendo que se profundava na vasta amplidão do mar.

E n'esta anciedade, decorreu uma longa hora, que ás duas mulheres, abismadas no fervor da oração, pareceu um interminavel seculo.

Por fim ouviu-se novo e retumbante trovão, outra faisca, foi vista convergir para o mar, e as duas mulheres, semi-mortas de frio e de terror, alagadas completamente da agua que continuava a cahir a torrentes, viram que uma enorme vaga voltara o fragil barco.

De novo erguem brados para o céu, quando Deus, amerceando-se d'aquella grande dôr, agita uma alterosa vaga que atirou pela terra dentro o barco e os seus dois tripulantes.

Foi um verdadeiro milagre que a Providencia fez áquelles quatro infelizes, livrando a elles d'uma morte imminente, e a ellas da orphandade e da viuvez.

A. Peixoto do Amaral.

DE TUDO UM POUCO

Junho

I

1903

Faz 431 annos que foi queimado Jeronymo de Praga, como heresiarca, em 1416. Jeronymo de Praga nasceu em 1378, e foi discipulo de João Huss, que tendo abraçado as doutrinas de Wiclef, foi excommungado pelo Papa Alexandre V, e depois queimado vivo em 1415, por determinação do concilio de Constança.

Na praça d'essa mesma cidade foi pois queimado o seu discipulo Jeronymo em 1 de Junho de 1416.

Humorismos:

O medico inglez Ricardo Jobb foi chamado para ver um sujeito que se considerava muito doente. Não receitou, por entender que não era necessario.

—Agora que está aqui, disse o imaginario doente, ha de dizer-me o regimen que devo ter, o que devo e o que não devo comer.

O dr. Ricardo não gostava que lhe fizessem taes perguntas, mas d'esta vez respondeu com muita complacencia.

—Olhe, não coma tenazes—lhe respondeu elle—, nem pá, nem aticador de ferro, porque são coisas de difficil digestão; nem folles, porque fazem muito vento,—de tudo o mais póde comer.

*

O seguinte caso succedeu ha dias, em Lisboa:

D'um dos barcos que faz carreira d'Aldea Gallega para a capital, saltou um passageiro alemtejano, de nariz grande, olhos pequenos mas muito vivos, grande jaqueta de pelles e chapéo desabado.

Mal poz o pé em terra, ficou a olhar muito espantado em torno de si, sem saber para onde havia de dirigir os passos. De repente chega-se a elle um lisboeta finorio, d'esses que andam a lograr os patos, e exclama:

—Que é isso, meu grande amigo?

Como é possivel que eu tenha o gosto de o tornar a ver? Que é feito do sr. seu pae, que era um santo homem? Devi-lhe muitas obrigações. Estive em sua casa por muito tempo. Lembra-se o meu amigo? Tambem não admira, porque n'esse tempo era ainda muito creança. Na verdade era seu pae o homem mais divertido que eu tenho encontrado. Que funcções! que brincadeiras! Ainda choro esse bello tempo. Ora diga-me: sua avó é ainda viva? Boa mulher, boa mulher! O que o trouxe então a esta côrte?

O pobre alemtejano, admirado de ver tanta amizade junta, contou o que o havia trazido a Lisboa, narrando resumidamente tudo quanto se referia á sua familia.

—Ora pois meu grande amigo!—disse-lhe o intrujão do lisbonense. V. S.^a ha de vir para minha casa, pois que não é justo que o filho d'um tam grande amigo meu vá gastar quanto tem, para uma estalagem.

O alemtejano, depois d'alguma hesitação, resolveu-se a aceitar.

Tornou-lhe o matreiro de Lisboa:

—Mas isto já é tarde e eu móro longe. Vamos jantar aqui a alguma casa de pasto.

E foi levando o novo amigo para a tasca mais aceeda, e mais a geito que encontrou.

Mandou vir de tudo, do melhor, e comeram ambos, não se podendo dizer quem mais comesse, porque ambos fizeram honra aos guizados do locandeiro.

Depois de cheia a barriga, perguntou o lisboeta quanto devia.

—Dezoito tostões, respondeu a dona do estabelecimento.

—Barato! não acha?—perguntou então ao seu amigo. Não eramos capazes de comer tam bom jantar em nossas casas por semelhante dinheiro!

Depois mettendo a mão á algibeira, fingiu-se assustado, e disse:

—Não está má esta! Ficou-me a bolsa em cima do balcão d'aquelle confeitiro, onde estive a comprar o assucar para casa; deixem-me lá ir depressa, não m'a vão bifar. Faça o favor, meu rico amigo, de esperar, que eu já venho.

E, dito isto, desapareceu.

O alemtejano esperou, esperou, mas o homem não apparecia:

Chegou-se a elle a dona da casa, e perguntou:

—Então o seu amigo já cá não virá hoje?

—Essa é boa!—lhe respondeu elle—o meu amigo é homem de todo o porte.

E começou a conversar com ella, e com uma filha moça, que servia os freguezes e que se juntou ao grupo.

—Eu sou do Alemtejo—lhes disse elle—e por lá ha usos e costumes muito curiosos.

Os paes enterram os filhos, mas os filhos não enterram os paes. Os creados não estão senão um anno em casa dos patrões, ao fim d'esse tempo despedem-se, e formam casa nova, onde tomam creados para os servirem.

—São costumes realmente curiosos—lhe retorquiu a hospedeira.

—Pois os jogos! Os jogos é que são bonitos. Ha o jogo do estalajadeiro que se joga com o chapeo na cabeça.

E foi pondo o seu, para o poder explicar. Mas depois, arrependendo-se, continuou:

—Mas não. Esse não é bonito. Bonito é o das massarocas. Conhecem-no?

—Não, senhor—responderam mãe e filha ao mesmo tempo.

N'esse caso vão buscar duas massarocas.

—Isso é coisa que não temos—disse a filha da casa. Só se forem dois novellos.

—E' a mesma coisa. Traga então dois novellos.

Trouxe a filha dois novellos de linha.

O intrujão do alemtejano, que era mais fino que o lisboeta, e que estava morto por se vêr a andar, entregou á mãe a ponta d'um novello, e á filha a ponta do outro, e segurando os novellos, foi recuando até á porta. Mal alli se viu, atirou fora com os novellos, e deitou a correr como uma corça pela rua fora.

Em breve chegou á praia, onde encontrou o amigo de ha pouco, que se desculpou, dizendo:

—Agora mesmo ia para lá. Encontrei a bolsa quasi por milagre, e ia pagar a despeza.

Não tenha esse incommodo, porque está tudo pago. Até por signal, que, não tendo eu troco nem a mulher, deixei-lhe uma libra em ouro, e logo lá vou buscar o troco.

Despediu-se então o lisboeta o mais depressa que pôde, e correu á tasca. Da porta, mesmo, pediu o troco, por ordem do seu amigo.

Mas a mulher que o entendeu, mandou o entrar, e como já tivesse chegado o marido, saltaram-lhe todos em cima, e como não trouxesse dinheiro, teve de deixar ficar o relógio, para pagamento do jantar.

Qual dos dois foi o tosquado?

Notas historicas:

Diz Ferrari, na *Historia das Revoluções da Italia* que houve durante seculos dois partidos que se degladiaram, denominados *Guelfos e Gibelinos*.

Esses partidos eram oriundos da Italia, onde existiam no seculo XII.

Depois da morte de Lothario II, fallecido em 1137, seu genro Henrique o Soberbo, da familia dos *Guelfos*, entrou em lucta contra Conrad, duque de Sonabe, da casa dos Hohenstaufen, nascido no castello de Weiblingen (d'onde por corrupção nasceu a palavra *Gibelino*); Henrique não quiz reconhecer Conrad, como imperador, e foi despojado dos seus feudos. Na batalha de Weinsberg, em 1140, as palavras de *Guelfos* e de *Gibelinos* serviram então para os dois partidos.

Esses nomes foram depois transportados para a Italia, As cidades principalmente da Lombardia e os Papas que

as sustentavam, combatendo pela sua independencia, adoptaram o nome de *Guelfos*, enquanto que os partidarios dos imperadores, e da dominação allemã, foram chamados *Gibelinos*. Essa lucta durou um seculo, nos reinados de Frederico I, Henrique VI, Philippe de Souabe e Frederico II. A Italia conseguiu a sua independencia, ficando apenas nominal o poder dos imperadores.

Enfim nos seculos XIII e XIV, os nomes de *Guelfos* e de *Gibelinos* designaram as luctas nas cidades de Italia; os Gibelinos eram os defensores da aristocracia e do poder, os Guelfos eram os partidarios da democracia e da liberdade.

Em Florença os Gibelinos e os Guelfos, os *Branços* e os *Negros*, disputaram entre si, por muito tempo o poder. Os Guelfos triumpharam, enquanto que Pisa ficou Gibelina.

Em Roma os Guelfos eram sustentados pela influencia franceza; e os reis de Napoles, Carlos d'Anjou e seus successores, sustentavam no interesse da sua ambição, a causa dos Guelfos.

Curiosidades:

E' creença bastante espalhada de que existe uma arvore, chamada mancenilha, que tem a propriedade singular e perigosa de matar, á custa de um perfume subtil, os viajantes que descansam á sombra traiçoeira dos seus ramos.

Ora a mancenilha existe realmente, encontrando-se nas Antilhas, perto sempre da costa maritima. E' uma arvore de tronco bastante elevado, pertence á familia natural das euphorbiaceas, com folhas ovaes e ligeiramente serreadas nos bordos. Dá abundantemente uns fructos semelhando maçãs, cuja massa interior exala um cheiro forte e repugnante, e que determinam, quando mastigados, uma irritação immediata e violenta nos labios, lingua e palatino.

Este vegetal possui um succo leitoso de propriedades extremamente activas e que posto em contacto com a pelle produz ulceras muito dolorosas e de cura demorada.

As qualidades toxicas d'esta planta faz com que os selvagens procurem a euphorbiacea para envenenar as armas, cravando-as no tronco.

A mancenilha é, portanto uma especie vegetal energicamente venenosa; comtudo as suas propriedades toxicas estão longe de chegarem ao ponto de matar os que se abrigam á sombra da sua folhagem ou de tornar mortifera a agua da chuva que lhe toca, conforme geralmente se acredita e assevera. O celebre naturalista Jacquin, no intento de verificar o grau da veracidade da lenda que se fez em volta d'esta arvore, não só tomou um banho, a nú, na agua da chuva que escorria dos seus ramos como tambem se atreveu a dormir á sua temerosa sombra. O illustre botanico não expirimentou com isso o menor symptoma de intoxicação.

Para os poetas, todavia, continuará a mancenilha envolta na sua lenda curiosa.

COLLABORAÇÃO

Mez de Maio

Mez de flores, mez d'encantos,
mez de bellos pensamentos,
mez dos ricos elementos
do poeta e do pastor;
de sonoros, ternos cantos
lá nas velhas cathedraes,
lá nos campos e arraiaes
onde gosa o lavrador,

As paizagens mais formosas
na ribeira e nos outeiros,
no vinhedo e nos lameiros
tudo é vida e esplendor;
colgaduras especiosas
e tapetes tão variados
que tão bellos como os prados
os não tem nenhum senhor.

Os pastores nas ladeiras
vêm pastando suas ovelhas
e o sussuro das abelhas
ouvem ledos, lá também:
nas visinhas carvalheiras
ouvem rolar as rolinhas
e dispersas andorinhas
rasteirinhas vão e vêm.

E mui perto do seu ninho
no salgueiral chilra meigo,
em meiguices nada leigo,
dia e noite o rouxinol.
Assobiam estorninho,
melro bravo e cotovia
em graciosa melodia
Com seu *dó, ré, mi, fa, sol*.

E zephiros perfumados
com aromas de mil flores
vertendo vem os olores
que mais ricos suaves são;
e que deixam saturados
de meiguice e de ternura
a mais lada, suave e pura
mente, vida e coração.

E nas auras matutinas
em idyllio mysterioso,
fonte e rio caudaloso
luz, aroma, e brisas vão;
e por valles e collinas
inspiração e ventura
a mais rica e mais segura,
a quem vae no campo dão.

Mas os filhos da cidade
tambem gosam n'estes dias
das meiguices e alegrias
d'este maio encantador:
são em tanta variedade,
seu perfume tal e tanto,
que de canto vão em canto
luz vertendo paz e amor.

Nas humildes capellinhas
ouço canticos maviosos,
e nos templos espaçosos
e na igreja episcopal,
ternos hymnos, ladainhas,
as psalmodias populares,
que repetem centenares,
como em côro celestial.

E esses echos impulsados
pelo amor e pela crença
fertham uma voz intensa
de piedade e religião!

com o incenso misturados
erguem-se em vôo magestoso;
mas deixando sentir goso
já no crente coração.

Abrem passo n'outra esphera
de descanço e de ventura,
de verdade eterna e pura
de delicias, paz e amor;
e atraz d'elles a alma espera,
entre sombras d'um mysterio,
ir tocar n'esse hemispherio,
onde nunca entrou a dôr.

E esperança tão fagueira
de ventura, inda remota,
quantas penas não enxota
do sincero coração!
E como em barca veleira
o que um sopro de fé sente
navega em mar esplendente
ao porto de salvação.

Entre sombras tenebrosas
e com ventos mui contrarios
em dezenas de sanctuarios
echos ouço da oração:
e, em cidades populosas,
eu percebo de mil flores
os suavissimos olures
preito de fé, que amor são.

Mas na aldeia o mez de maio
é mais grande, mais extenso,
mais completo, mais intenso,
que na rica cathedral;
é mais rico, lindo e gaio,
ostenta-se na lameira,
veste a linda ribanceira,
dança alegre no arraial.

Aqui, flores nos altares,
na planicie, nos outeiros,
e nas orlas dos carreiros
seu perfume a todos dão;
e tem flores nossos lares,
pastam flores os cabritos,
e os romeiros seus palmitos
alegres mostrando vão.

Aqui, flores e alegrias
são em maio tantas, tantas,
que lar, templos, almas, plantas
vem de festa a revestir:
os aromas e harmonias
enchem templos, peitos, lares
e no zenith e nos mares
vão-se depois expandir.

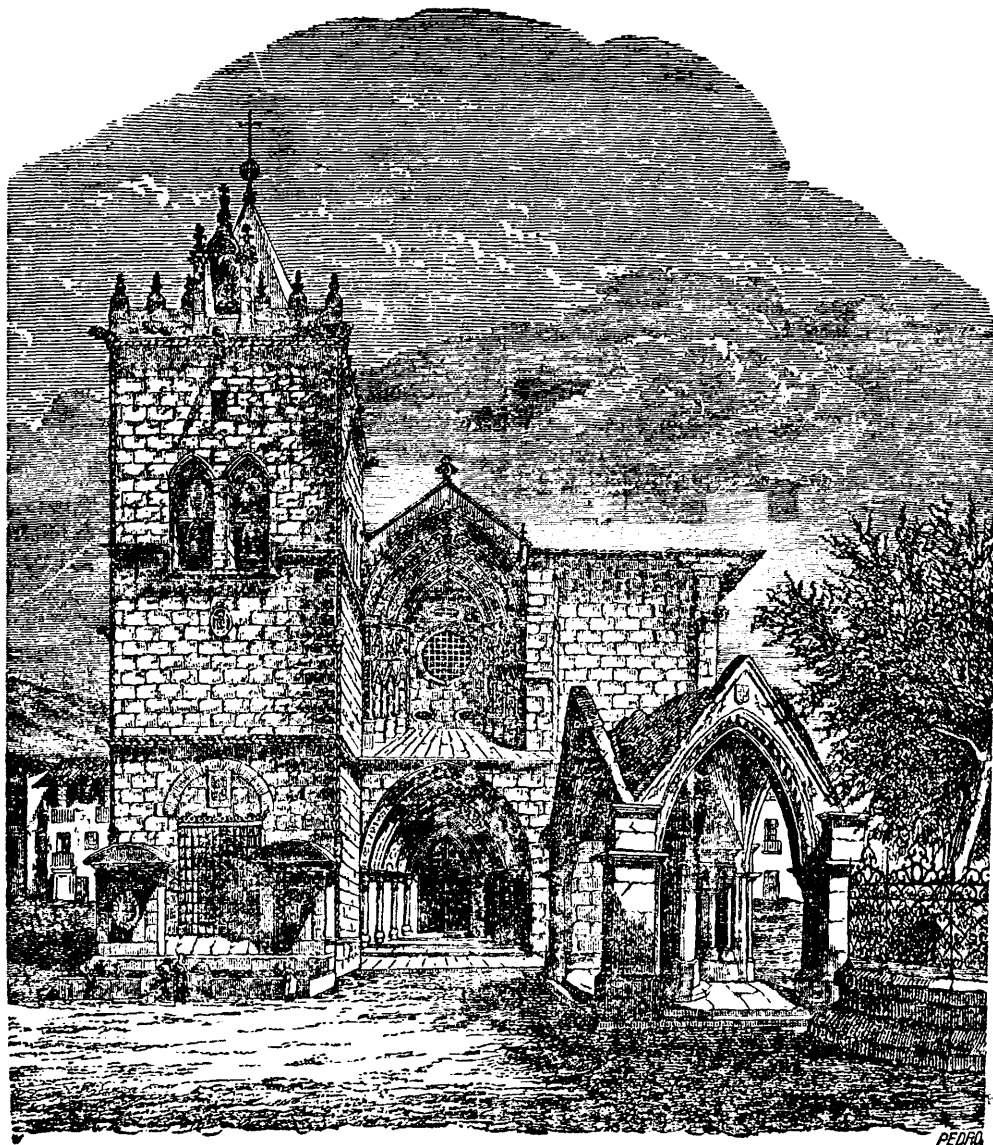
Formiga, maio de 1903.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A QUESTÃO SOCIAL

Ainda as grèves

Antigamente pouco ou nada se ouvia fallar em grèves,
Era o que se chamava *rari nantes in gurgite vasto*,



Collegiada da Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães

Hoje não se ouve fallar senão em *grèves*.

O que antigamente era a excepção, constitue hoje a regra geral.

E' facto que hoje a vida está carissima, e o que se comprava ha vinte annos por 500 rs. custa hoje 1\$500 rs. e mais. O operario que poderia viver mais ou menos regularmente, com sua familia, ganhando em 1880 quatrocentos reis, não pode viver egualmente hoje, a menos que não ganhe cerca de mil e quinhentos reis.

Ora poucos são os operarios que hoje ganham esse dinheiro diariamente, e só em certas e determinadas classes o conseguem fazer, como sejam por exemplo as artes metallurgicas, as officinas de pintura etc. Outras classes, porém, como a dos tecelões, e as de trabalho braçal, nunca lá chegam, nem esses operarios teem esperanza de tal alcançarem. Certos operarios não podem passar da tigela do caldo e esse mal adubado, e do pobre pão de milho,

porque, tendo de pagar o aluguer do misero tegurio em que vivem, a mais não pode chegar a feria que o patrão lhes paga.

E esse estado de cousas não melhora, ou pouco mais pode melhorar, infelizmente, porque o capitalista não pode dar ferias grandes, tirando limitado lucro, ou tendo empatado grande *stock* de fazendas, a que não pode dar facil vasão.

Mas as *grèves* que a principio se limitavam a ser uma reacção do trabalho contra o capital, quando este lhe diminuia os salarios, tornaram-se hoje geraes, reagindo o operario contra o proprietario da officina, quando exige maior preço na mão d'obra, sem que elle tenha diminuido ao preço contractado, ou quando por qualquer offensa real ou imaginaria feita a um ou a mais companheiros, elles se levantam e abandonam o trabalho. E dado o caso—que agora não questionamos,— de que tenham razão os que

assim procedem, não teem razão, nem a podem ter, fazendo arruaças á pórtia da officina, não permitindo que trabalhe quem pretende trabalhar, e impedindo que o proprietario possa escolher outro pessoal que substituia os que abandonaram o trabalho.

Mas é o que hoje succede na generalidade, porque as associações de classe se cotizam para dar a ferias aos operarios que abandonam o trabalho, e pelos meios da solidariedade de que hoje gosam, obteem que nenhum operario acceda ao pedido do proprietario, para ir trabalhar na sua casa, obrigando a este ou a fechar a porta, ou a annuir ás exigencias dos grevistas, sacrificando-se muitas vezes, sem necessidade.

Ora nós concordamos, já muitas vezes aqui o temos dito, em que o operario está mal pago. Mas quem é que está hoje bem pago em Portugal? Exceptuando duis ou trez duzias de politicos, magnates dos partidos da rotação, que gosam de cinco e seis logares ao mesmo tempo, qual é o empregado quer civil ou militar que se possa dizer *bem pago* n'este paiz?

A grande maioria dos nossos empregados publicos não chegam a vencer a quantia de mil reis diariamente, e vivem n'outras condições em que não vive a grande maioria dos operarios.

Em quanto que estes podem trajar fatos baratos, viver em casas de ilhas, trazer a mulher descalça, mandando-a buscar agua á fonte, o empregado publico é obrigado a vestir decentemente, com fatos relativamente caros, habitar em casa propria e sobradada, e trazer a familia decentemente vestida, no que, como toda a gente sabe, se gasta muito dinheiro. E por isso tam boa alimentação pode ter um operario que ganhe 300 reis por dia como um funcionario publico que aufera diariamente a quantia de mil reis.

Isto são verdades incontestaveis.

E o empregado publico pode effectivamente pedir ás côrtes augmento de ordenado, allegando essas e outras muitas razões, porque as tem e em grande quantidade, mas que obtem o misero? Em via de regra os requerimentos ficam nas commissões do parlamento, e ás vezes volta-se, como se costuma dizer, o feitiço contra o feiticeiro e o que obtem o empregado é um desconto de mais 5 p. c. nos seus vencimentos *pelo praso d'um anno*, que depois se torna de execução permanente, como aconteceu com identico augmento, decretado em 25 de Junho de 1898, e que ainda hoje, apesar de decorridos 5 annos, continua em execução.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

Du Guesclin

Ahi teem os nossos leitores o retrato d'um dos maiores e mais distinctos heroes, de que se tem pavoneado a França. Nasceu em la Motte-Broon em 1314. Muito novo entrou em batalhas, batendo-se em luctas, e em combates.

Combateu a principio a favor de Carlos de Blois, ligou-se ao serviço de Carlos V, bateu em Cocherel as tropas de Carlos, o *Mão*, mas foi feito prisioneiro na batalha d'Anray. Depois de resgatar a liberdade, livrou a França das *Grandes Companhias*, que elle fez transportar para Hespanha. No regresso foi nomeado condestavel de França, combateu com efficacia contra os inglezes, e morreu em 1380, no cerco de Chateaufeu-Randon. Carlos V quiz que o heroe fosse sepultado em S. Diniz, no tumulo dos reis de França.

Simeon Luce publicou em 1876 a historia de Bertrand

du Guesclin, obra d'uma profunda erudição, e relativa não só ao heroe francez como tambem á sua epocha.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Esteve imminente uma grande desgraça no dia 18 do mez findo na ponte D. Maria Pia, á passagem d'um comboio que ás 7 horas e meia seguia d'esta cidade para Espinho. O comboio descarrilou ums trez metros antes de chegar á ponte ficando as rodas da frente fora do trilho.

A meio da ponte parou o comboio, e foi quando os passageiros deram fé do occorrido. Sairam todos os passageiros, menos um, que, tomado de susto, ficou sem falla dentro d'um carro. Eram 20 ao todo os passageiros.

O unico prejuizo que houve foi ficarem partidas 175 travessas, em que estava firmados os carris. Foi um susto enorme que soffreram os passageiros. Dois dias houve novo descarrilamento no mesmo sitio.

—O Snr. Conselheiro Jacintho Candido realisou em Braga, uma conferencia nacionalista, n'um grande salão na rua dos Capellistas. Foi acompanhado pelo snr. conde de Samodães, que tambem fallou. Em seguida houve um banquete de 24 talheres, em casa do snr. Vasco Jacome Pereira de Vasconcellos (Avellar).

—Na passada quinzena houve as costumadas romarias da Senhora da Hora, e do Senhor de Mathosichos, havendo muita alegria, muita concorrência, e o costumado enthusiasmo.

—*Excursão a Braga*—Como já era facil de prevêr, é grande a animação para o passeio a Braga que o Circulo Catholico d'Operarios do Porto realisa no primeiro domingo do actual mez de Junho, 7 do corrente. Os bilhetes para esta attrahente excursão tem tido uma venda excepcional, attendendo não só á modicidade do preço, mas tambem aos attractivos que offerece este encantador passeio. Por essa razão quem quizer aproveitar a occasião de passar um bello dia não se guarde para tarde em comprar os seus bilhetes para que á ultima hora não soffra o desgosto de já os não encontrar á venda como succedeu o anno passado com as excursões promovidas pela Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado e Sociedade «Os amigos de Santo Antonio».

Em vista da participação enviada pela direcção dos Caminhos de Ferro, prevenimos que a venda dos bilhetes termina definitivamente em 3 de Junho.

Os que ainda restam continuam á venda na secretaria do Circulo Catholico, á Praça da Batalha, 115, ao preço de 500 reis, ida e volta.

A partida effectuar-se ha da estação de S. Bento.

—*Subscrição*—A commissão encarregada de angariar donativos para a construcção ou compra d'um edificio proprio para a séde do Circulo Catholico d'Operarios do Porto, recebeu já os seguintes donativos:

Sociedade os «Amigos de Santo Antonio», 55\$610 reis; Constantino Cabral, 20\$000 Francisco da Cunha Leão, 10\$000; João Ramos, 5\$000; D. Emilia Cabral Pereira Cardoso, 5\$000; Francisco Barbosa do Couto Cunha Sotto Mayor, 5\$000; D. Amelia Candida Alvares Vieira, 5\$000; Antonio de Moraes Chaves, 5\$000; P. Francisco Antonio Meleiro, 5\$000; P. José da Cruz Tavares, 5\$000; Anonymo Z, 5\$000, José Ignacio Pires, 4\$500; P. Benvenuto de Souza, 2\$500; D. Josepha da Silva Cochofel, 2\$500; P. Sebastião L. de Vasconcellos, 2\$000; P. José M. Ribeiro, 1\$000; Victorino S. de Carvalho, 1\$000; P. Abilio Augusto Arantes, 500; Luiz Augusto Leandro, 500; Uma anonyma, por intermedio de M. F. da Fonseca, 500; P. Antonio de Figueirêdo e Sá, 1\$000; José Luiz

de Souza, 500; Augusto de Calça e Pina, 2\$500; D. Felicidade Emilia d'Ascensão Soares, 500.

Subscreveram com quantias annuaes mais os seguintes senhores:

Joaquim Borges Garcia de Campos, com 5\$000 reis; D. Adelaide da Conceição Gonçalves Botelho, 2\$500 reis; Francisco Rodrigues Marques, 2\$000 reis; Padre Domingos Alves Moreira, 2\$000 reis; Padre Cesar Augusto da Silva, 1\$200 reis; Agostinho Martins, 1\$200 reis; Bernardo Tavares de Pinho, 1\$000 reis; Antonio Marques Pereira, 1\$000, reis; Antonio Francisco Cordeiro, 1\$000 reis; Alfredo Martins da Silva Azevedo, 1\$000 reis; Albino Barbosa, 1\$000 reis; Francisco Gonçalves Cortez, 12\$000 reis; P. José Francisco d'Azevedo, 3\$600 reis; Dr. José Crespo Simões de Carvalho, 1\$000 reis; P. Joaquim Philippe Botelho, 500 reis; P. Francisco dos Santos e Cunha, 500 reis; Francisco Bernardino d'Oliveira, 500 reis; Antonio José Maia, 500 reis; P. José Fernandes Mathias, 300 reis.

Todos os donativos devem ser dirigidos ao Circulo Catholico d'Operarios—Praça da Batalha, n.º 115—Porto.

Exterior

No *Primeiro de Janeiro* de 19 de maio, leem-se os seguintes telegrammas:

Paris, 10 — A «Associação do Livre Pensar» organizou para amanhã reuniões anticlericaes em 200 cidades das provincias e em Paris. Prevê-se que haverá manifestações nas egrejas em que prégarem religiosos não concordatarios.

Paris, 17—Apesar do annuncio dos jornaes, não houve em Paris nenhuma importante manifestação dos livres pensadores, e em Marselha e Toulon fizeram-se pequenas manifestações sem consequencias desagradaveis.

Paris, 17 — Esta tarde na igreja de Belleville deu-se, uma desordem, em que ficaram umas 10 pessoas feridas mais ou menos gravemente. No momento em que o padre começava a prégar, os livres pensadores soltaram alguns gritos hostis, a que bastantes membros da juventude catholica responderam com bengaladas e murros; então a brigada tornou-se geral.

Andaram no ar cadeiras e genuflexorios.

As mulheres eram as mais exaltadas. A policia avisada do que se passava, acudiu, e separou os combatentes expulsando 50. Ficou então restabelecido o socego.

Os mais dos feridos são livres pensadores.

Paris, 17—Os catholicos ao sairem esta noite da igreja Plaisence, onde tinham assistido ao sermão de um congressista secularizado, organisaram uma ruidosa manifestação, cantando a «Marselheza» e victoriando os padres e a liberdade. Travaram-se desordens entre elles e os livres pensadores, trocando-se muita pancadaria, que deixou feridas varias pessoas. Interveio a policia, que dispersou os grupos e effectuou numerosas prisões.

Não tinhamos dado grandes noticias a respeito das hereticas leis francezas devidas ao apostata que preside ao ministerio do antigo paiz christianismo, relativas ás congregações religiosas por falta absoluta de espaço. Extra-himos, porém, agora esses telegrammas para os leitores terem uma pequena ideia das desordens que lavram em França e que podem conduzir fatalmente a uma guerra civil. Tudo obra das lojas da franco-maçonaria.

A seguinte noticia faz prever isso:

Póde calcular-se sem exaggeração em 30:000 o numero dos homens que tomaram parte na peregrinação realisada á gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

O desfile pelas ruas da cidade, completamente apinhadas de espectadores, durou mais de tres horas.

A frente da peregrinação seguia o clero parochial, o maire e o conselho municipal, com a musica do departamento.

A procissão foi esplendida. As bandeiras dos Circulos de Trabalhadores, e os estandartes religiosos desprendendo ao vento os seus laços multicores, mostraram bem que aquelles 30.000 homens, chegados de todas as regiões da França, abrigavam no coração uma inabalavel fé em Deus e confiança na divina Providencia.

Quando a peregrinação chegou em frente á igreja do Rosario sahio d'aquellas 30:000 gargantas em grito formidavel, invocando Deus e a Santissima Virgem em favor da sua patria e das suas familias.

— Na camara dos deputados franceza discutiu-se largamente, a questão da actualidade na França — as congregações religiosas.

Iniciou o debate o rev. Gayraud, republicano-catholico, que protestou energicamente contra a politica brutal e iniqua do governo, que assim viola a Concordata, concluindo por perguntar se o governo pretende separar a Igreja do Estado.

O barão de Rielle protestou contra o encerramento das capellas; e disse que se o governo lhes declarar guerra, os catholicos aceitarão a lucta.

Massi e Hubard pediram a denunciação da Concordata e a separação da Igreja do Estado.

Ramel atacou com violencia as manobras empregadas contra os catholicos e iniciou estes á lucta.

A direita applaudiu freneticamente os deputados catholicos.

Fallaram ainda em favor dos Catholicos, combatendo a politica do governo, os deputados Enuerand, Grandmaison, Grousseau, Dejeaute, e Montebello, alguns dos quaes verberaram os tumultos provocados nas egrejas pelos livres-pensadores.

Combes defendeu-se com mentiras, concluindo por declarar que a maioria das camaras não capitulará diante do clero.

Encerrada a discussão, foram apresentadas oito moções de ordem.

A camara rejeitou, por 278 votos contra 247, a proposta Hubbard tendente á separação da Igreja e do Estado, e approvou, por 313 votos contra 237, a moção Etienne, accettata pelo governo, concebida n'estes termos:

«A camara, approvando as declarações do governo e contando com a sua firmeza para reprimir as invasões do clero, assegurar a execução das leis e manter a liberdade dos cultos, rejeita qualquer additamento e passa á ordem do dia.»

— Lê-se n'uma revista estrangeira:

«Ultimamente tem-se registrado factos deveras extranhos. Com poucos dias de intervallo, subiram as escadas do Vaticano El-rei Eduardo VII de Inglaterra, e o imperador Guilherme da Allemanha.

«Este ultimo, de genio vivo e impetuoso, tem-nos já acostumado a essas idas e vindas, e não era por certo a primeira vez que ia visitar o Papa. Mas d'esta vez a sua visita revestiu-se de circumstancias especiaes, e quasi nos atrevemos a dizer que foi ali em romaria. Foi hospede do Quirinal, como das outras vezes, mas agora formulou o empêño de apresentar-se a Leão XIII, com mais ostentação e luzido acompanhamento, levando consigo os seus dois filhos mais velhos. A recepção assistiram alem d'isso cinco bispos allemães, sendo numeroso o sequito de persongens da côrte.

«A entrevista, segundo affirmam os jornaes italianos, foi o mais cordeal e affectuosa possivel, e o Kaiser deu

nova certeza ao Papa da sua benevolencia para com os catholicos do imperio. Pode-se dizer que, d'esta vez, acabou de dar o ultimo traço n'esse inimigo Kulturkampf, promettendo estabelecer com essas frequentes visitas uma certa intimidade entre o Vaticano e a côrte de Berlim, que a todos ha de ser proveitosa.

«Mas realmente a grande surpresa foi-nos dada por el-rei Eduardo VII, soberano da Inglaterra e imperador da India. Um anno atraz, ainda que nol-o houvesse jurado o proprio lord Salisbury, não haveriamos accreditado que o chefe da egreja anglicana fosse pedir entrada á porta do Vaticano. Os que conhecem alguma coisa a historia do protestantismo, e sabem o que tem significado até hontem mesmo o grito da intolerancia ingleza, *no popery*, sentirão o assombro que nós experimentamos, ao ver que esse soberano, precisamente no momento historico em que o seu povo e a sua raça acaba de afirmar o seu predomínio sobre o universo, desafiando a impopularidade que este acto lhe poderia acarretar, tenha querido vê e saudar o supremo Chefe do Catholicismo. Pouco nos importa relativamente que essa visita dê ou não, por immediato resultado, o estabelecimento de relações officiaes entre o Vaticano e a Grã-Bretanha. A transcendencia do acto está no proprio acto, isto é n'esse aperto effusivo de mãos que Eduardo VII deu a Leão XIII. Essa momento marca toda uma epocha, na historia de Inglaterra e nos annos da Egreja.»

Veja-se esse facto e compare-se o que tem feito o ministro Combes na França que tendo consultado os departamentos antes de mandar encerrar as escolas livres, obteve o seguinte resultado:

Departamentos que votaram pela permanencia das escolas religiosas, 1:075; departamentos que votaram contra 454; departamentos que não deram resposta, 142. Logo a immensa maioria do paiz reprovou a expulsão das ordens religiosas. E que fez o antigo seminarista Combes? Expulsou as ordens religiosas, contra a vontade da França!

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Segundo este modo de ver, a luz—ár—pode tomar-se pelo substanciado mundo contendo em si a força productora e a lei reguladora de todas as suas evoluções, ou accidentes, que podem variar infinitamente na mesma substancia—unidade na substancia e variedade nos accidentes.

Foi pois por virtude da criação d'essa luz, em que o mundo estava contido, como a arvore na semente, que foram apparecendo os astros, incluindo a terra, e nesta as plantas e os animaes desde a organização mais simples até á mais complicada.

Até aqui tudo se foi desenvolvendo segundo aquella primeira determinação de Deus, ou segundo o principio e a lei da luz; mas chegando ao homem parece haver uma alteração, uma mudança. Então disse Deus:—«Façamos o homem á nossa imagem e similhaça».—E porque disse assim? porque a lei da criação do homem não era a mesma da criação do mundo material. Deus é espirito, e foi segundo a lei dos espiritos, ou dos seres intelligentes, que o homem foi creado, e era segundo essa lei que devia viver, e em consequencia satisfazer ao seu fim.

Ainda se nota outra differença; no primeiro caso disse

Deus:—«faça-se»—no segundo:—«façamos»—Terá isto alguma significação? parece-me que sim.

O procedimento de Deus faz-me lembrar o de uma carinhosa mãe de familia, que encarrega as suas creadas do serviço de sua casa, em quanto que é ella propria, que trata de seus filhos.

Significa elle portanto a consideração e dignidade, com que Deus honrava este novo ser, na criação do qual empenhava o seu amor, emquanto que para a do mundo material fora bastante o seu poder e sabedoria; indicando tambem, que se a vida do mundo physico havia de ser somente regida pela lei de sua criação, na do homem havia de intervir a Providencia de Deus; e o rigor da lei da justiça, que é a lei fundamental do mundo espirital, havia de ser modificado pela sua Bondade e Misericordia.

Que differença!... E ousa o homem confundir cousas tão distinctas!... Quanto o podem transtornar os desvarios de vaidade!...

De accordo com estas ideas está ainda o que se lê no Evangelho de S. João:

N'Elle estava a vida, e a vida era a luz dos homens.» (1)

O que me parece querer dizer, que Nosso Senhor Jesus Christo como Redemptor dos homens é a Luz, isto é, o principio e fundamento de sua vida espirital e immortal, ou d'aquella vida, em que elles hão de satisfazer ao seu fim.

Mais. Ensina a Revelação, que o homem foi creado immortal, como se vê dos seguintes textos:

«Porque Deus não fez a morte, nem se alegra na perdição dos vivos.» (2)

Por quanto Deus creou o homem inextinguivel, e o fez á imagem de sua similhaça.

«Mas por inveja do diabo entrou no mundo a morte.» (3)

«Por quanto assim como por um homem entrou o peccado neste mundo, e pelo peccado a morte, assim passou tambem e morte a todos os homens por um homem, no qual todos peccaram.» (4)

«Renovai-vos pois no espirito do vosso entendimento, e do homem novo, que foi creado segundo Deus em justiça e em santidade de verdades.» (5)

Vê-se pois:—1.º que o homem não foi creado nas condições, em que vive na terra, porque essas condições são incompativeis com a immortalidade—2.º que, sendo a lei do mundo espirital, o homem creado segundo essa lei pertence ao mundo espirital.

A razão, portanto, concluindo que o homem foi creado em condições differentes d'aquellas, em que vive na terra, e superiores ás mesmas, está de accordo com a fé.

CAPITULO SEGUNDO

Corpo Primitivo do Homem

Qual foi o primitivo corpo do homem?

O corpo é o meio, que estabelece as relações entre o principio intelligente, ou a alma, e o mundo exterior; é ao mesmo tempo o seu meio de intuição e o seu instrumento de acção. A entidade homem, portanto, necessita d'essas duas partes, aliás muito distinctas por sua natureza, para viver nas condições normaes do seu modo de ser: isto comprehende-se. Mas está o corpo do homem, como vive na terra, em harmonia como a aptidão intuitiva

(1) S. João I, 4

(2) Sabedoria—I, 13.

(3) Idem II,—23 e 24.

(4) S. Paulo. Epist. aos Rom. V, 12.

(5) S. Paulo. Epist. aos ephes. IV, 23 e 24.

da alma, e com a extensão e energia da sua actividade? Vejamos.

Estranho a razão, que ao homem ser intelligente e livre, fosse dado um corpo da mesma natureza da dos animaes, que obedecem cegamente ao instincto. Parecia-lhe que o cargo do homem devia fornecer á alma uma intuição mais ampla, pois que de lh'a não fornecer em relação com a sua aptidão intuitiva são prova evidente os esforços, que ella faz por sair do apertado circulo dos sentidos, e procurar conhecimentos n'uma esfera muito mais extensa. Alem d'isto parecia-lhe tambem, que esse corpo devia ser incorruptivel, pois que sendo a alma imperecivel, mas sendo creada para viver unida a um corpo, não tendo por isso vida normal fora d'essas condições, esse corpo, sendo corruptivel, tambem não satisfaria a aptidão e actividade vitaes da alma, nem com elles estava em harmonia e relação.

Será então possivel viver a alma unida a outro corpo, sem que o composto deixe de ser o homem?

Encaremos em primeiro lugar o assumpto pelo lado philosophico, e veremos depois qual a luz e apoio, que recebe da Revelação.

Sigamos a opinião d'aquelles philosophos, que admittem a união substancial da alma com o corpo, o qual tem o apoio de grande auctoridade de S. Thomaz, e a approvação da Igreja. São elles os escolasticos, e dizem: «que a alma humana une-se com o corpo como forma substancial, e que d'esta união resulta a unidade da pessoa e natureza humana.» (1)

Segundo, pois, aquelles philosophos a alma humana é uma entidade espirital, ou principio, dotado da virtude, ou potencia, que lhe dá a aptidão necessaria para, unida a um corpo, formar o homem. Ora, sendo o corpo do homem material, claro está que tem de estar sujeito ás leis da materia; mas por outro lado, sendo a alma humana intelligente, claro é tambem, que nem toda a organização é propria para se unir, pois que tem de satisfazer de algum modo á sua aptidão intellectiva; pelo que parece poder-se affirmar, que não é possivel a união da alma humana com um organismo inferior, por se não darem em todo caso as condições necessarias para se formar a natureza humana. Mas com um superior?

Vejamos o que sobre um assumpto, que tem muita ligação com o de que aqui se trata, diz um eminente e profundo philosopho do seculo actual.

«Haverá, diz Balmes, impossibilidade intrinseca, que se opponha a uma organização differente da que possuímos e pela mesma razão ha um genero e ordem de sensações totalmente differente do que experimentamos? Parece que não; e se esta impossibilidade existe, o homem não a conhece.»

«Seja qual for a opinião, que se adopte com respeito ao modo como os objectos externos obram sobre a nossa alma por meio dos órgãos do corpo, nenhuma relação necessaria se segue, nem sequer analogia, entre o objecto e o effeito, que em nós produz.» (2)

D'aquí, portanto, podemos partir para sobre esta questão formarmos uma opinião, isto é, das relações veras as condições necessarias.

(Continua)

(1) Roudina Philos. Theor. Prat. 3.ª part. 1. 2.º, cap. 3.º

(2) Balmes. Philoph. Fundam., 1.º 2.º, cap. XVI. Tradução de João Vieira.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O fasciculo n.º 84 do volume VII, correspondente ao mez de maio do *Mensageiro do Coração de Jesus*, órgão

mensal do Apostolado da Oração, e da Communhão reparadora no Brazil.

—O n.º 20 do Anno XIII da apreciavel publicação semanal que vê a luz publica em Vizeu A «Revista Catholica.» Publica a gravura do tumulo de Cecilia Metela em Roma.

—O n.º 233, correspondente a 15 de maio (Anno XX) d'«El Eco Franciscano» revista quinzenal publicada pelos religiosos da ordem de menores da provincia seraphica de Santiago de Galliza.

—Os numeros do novo semanario «União» que começou a publicar-se no dia 1 de Janeiro do corrente anno na cidade do Porto Alegre, provincia do Rio Grande do Sul, Estados Unidos do Brazil.

—O n.º 1.692, anno XXXIII, correspondente ao dia 14 de maio d'este anno do excellente semanario *Revista Popular*, que se publica em Barcellona.

Vem illustrado com as seguintes gravuras: retrato de D. Santiago Palacios y Cabello; retrato da Virgem de Montserrat de Napoles; e procissão da mesma santa imagem em Napoles em 19 d'Abril de 1903.

—Recebemos e igualmente agradecemos um elegante opusculo em formato 16, com 148 paginas, denominado «*Monte de Myrrha e Outeiro de Incenso*» dedicado a Nossa Senhora, Virgem Santissima e Mãe Dolorosissima, por um sacerdote seu devoto. Tem a approvação e indulgenciação dos Rev.ºs arcebispo de Braga, bispo do Porto, e Nuncio Apostolico. E' um magnifico presente aos devotos da Virgem, pelas lindas orações que contém, custando apenas a insignificantissima quantia de 60 reis. Vende-se em Braga, na redacção do nosso presado collega «*Voz de Santo Antonio*» que é editora da obra.

Egualmente agradecemos, penhorados, o convite recebido n'esta redacção para o Congresso Nacionalista do Porto, a realisar-se nos dias 1, 2 e 3 de junho de 1903, no edificio da Associação Catholica, rua de Passos Manuel n.º 54.

EXPEDIENTE

Já fizemos os saques aos nossos assignantes em dívida, e d'aquí agradecemos aos que se dignaram pagar, em vista dos recibos, que lhes foram apresentados. Alguns, porém, com magna o dizemos,—cerca d'um terço— não se dignaram acceder ao nosso pedido, pagando a sua assignatura em dívida. A esses de novo sollicitamos que se dignem mandar solver os seus debitos, para nos pouparem a novas despesas, pois que, não pagando até a data da publicação do proximo numero, será o seu nome riscado da lista dos assignantes.

Tambem pedimos desculpa do nosso jornal sair com algum atraso; mas se tal nos aconteceu, foi devido á doença de que enferrou o seu proprietario, que por espaço de mez e meio esteve de cama. E' por essa razão que alguns dos snrs. assignantes não teem tido resposta ás cartas que lhe teem escripto. Creiam no entanto, que mal elle esteja restabelecido, todos terão resposta, pois que já a alguns a vae dando paulatinamente, conforme a data da recepção das cartas e as suas melhoras se vão accentuando.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres,
Doutores da Igreja*

e outros eminentes auctores e coordenadas por

A. L. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.ª EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com aprovação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo

3.ª Edição—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»*

Preço, enc. . . 160 reis

Padre Afonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de
Santo Afonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . 400 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrín, douradas	18000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

ariscal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer
tempo do anno
com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indulgenciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.